

**11/11/1984**

**Programa ocupará trabalhadores com o plantio de novas culturas**

O Governador Franco Montoro convocou no último dia 6 uma reunião do grupo de trabalho formado pelas secretarias de seu Governo para conhecer o mais novo plano de combate ao desemprego rural na entressafra: a participação de 30 municípios em um programa-piloto para ocupar 15 mil bóias-frias, desempregados no cultivo de arroz, feijão e hortaliças. A idéia é aproveitar terras ociosas de particulares e áreas de empresas públicas, como a Fepasa, Cesp, Companhia Paulista de Força e Luz (CPFL) e outras, com créditos subsidiados e fornecimento de sementes.

O programa, que não conta com o apoio de todos os secretários do Governo, recebeu o apoio do Presidente da Federação dos Trabalhadores da Agricultura, Roberto Toshio Horiguti, para quem a situação está cada vez mais grave devido ao estado de miséria dos trabalhadores rurais.

— A disputa pelo emprego na safra de laranja será cada vez maior por causa do término de outras safras. São os comerciantes da laranja os que mais resistem a cumprir os acordos trabalhistas por causa da super-oferta da mão-de-obra — afirmou.

O Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Anápolis, Antônio da Silva, diz que em sua região não chove há 60 dias. "Quem plantou roças perdeu todo o plantio, como o arroz, milho, al. godo e outras culturas". De qualquer forma, "a síndrome de Guariba", nas palavras de um Secretário do Governador Mentora, permanece. Tanto assim que as usinas de Ribeirão Preto estão tentando aproveitar os trabalhadores o maior tempo possível no plantio de culturas intercaladas, em rotação com a cana.

Apesar da redução de suas cotas pelo Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA) os usineiros passaram a abastecer as usinas de Piracicaba, permitindo a manutenção de relativo nível de emprego, graças também à produção do álcool para exportação.

O Secretário do Trabalho Almir Pazzianoto, antes da adoção de qualquer programa-piloto de natureza social, advoga a tese de que sua execução deve ser precedida por um "correto diagnóstico" da situação. Ele diz que o número exato de "bóias-frias" no Estado é Indefinido (o censo de 80 fala em 220 mil, os sindicatos em 400 mil e os trabalhadores em 600 mil) e pergunta: quantos trabalhadores voltam para seus estados de origem, no Sul de Minas ou no Nordeste?

Pazzianoto diz que empregadas domésticas e serventes da construção civil, que trabalham nos grandes centros urbanos, costumam ir para a lavoura para ganhar mais. Para ele, esses não são desempregados típicos, assim como também não podem ser enquadrados nesta categoria os 50 mil menores que trabalham na lavoura.